

**TEATRO** (5/3/2004)

## **O público como testemunha**

Manuelito Eduardo Campos é um homem múltiplo. Jornalista, contista, cronista, é o pioneiro da televisão cearense, além de profundo conhecedor do meio radiofônico. A dramaturgia também faz parte de sua vida com textos célebres. Entre ele, "Nós, As Testemunhas", cuja primeira apresentação remonta o ano de 1958, com direção de Nadir Saboya, cenários do artista plástico Floriano Teixeira e montagem do Teatro Escola do Ceará, no Theatro José de Alencar. Na época, o elenco era formado por Cláudio Santos (Lineu), Nadir Saboya (Dona Augusta), José Maria Lima (testemunha), Fernanda Quinderé (Carmem) e Marilsa Lima (Anastácia).

Agora, 46 anos depois, a peça abre a temporada teatral de 2004 do Teatro do Ibeu Aldeota, com estréia hoje, 20h e apresentações até abril, sempre aos sábados e domingos. Produzido pela Capricórnio Produções Artísticas, a nova versão tem direção de Marcelo Costa, ex-diretor do Grupo Balaio.

Nesta peça, Eduardo Campos quebrou na época convenções teatrais, principalmente por sua narrativa de vanguarda, tendo em vista o contexto em que foi escrita, no final dos anos 50. No espetáculo, atores ficaram de costas, algo até revolucionário para a época, que poderia ser entendido como um ato desrespeitoso com o público.

A forma como Campos mostra a testemunha, contando com a cumplicidade da platéia, é um dos grandes efeitos. "O espetáculo é nitidamente apresentacional, em vez de representacional, isto é a peça é apresentada, tendo a consciência da presença do público e não representada, como se ele não existisse", explica o diretor Marcelo Costa, em seu texto de apresentação para a nova montagem.

A montagem conta a história de Eurídice, mulher ardente que sofre com a indiferença do marido, que só se dedica ao trabalho. Sofre com a hostilidade da sogra e com as investidas de um possível amante.

Para nós (as testemunhas) ela é "tão humana, tão infeliz". Para o marido, Lineu: "Dez anos vivia com ela. Sempre insatisfeita, sempre desejando que eu abandonasse as minhas preocupações de trabalho". Para Margarida (Dona Augusta, na montagem), mãe de Lineu, mãe possessiva, ciumenta, uma megera para a nora, ela era: "o lado mal da vida do meu filho".

Como analisou Fran Martins, "ele se utiliza de um processo psicológico em que os espectadores podem acompanhar a história sem ter um ponto de vista firmado, porque a solução do problema apresentado na peça realmente vai depender do julgamento de cada um", explica.

Ele continua: "o autor não guarda mistérios sobre isso, quando lança o problema e apresenta a solução. Solução particular dos personagens, a que nos outros, espectadores ou testemunhas do fato, não estamos na obrigação de aceitar. Porque as testemunhas, aquela testemunha que aparece na peça, a acusar o personagem sobre o seu modo de agir, na realidade não é material, mas psicológica. É talvez a consciência, e cada um dos espectadores, transformado em testemunha, julgará de acordo com a sua própria consciência do personagem".

"O crime foi motivado por excesso de paixão". Houve crime? Como foi o crime? É a pergunta dramática principal. "Sabem lá o que é uma mulher desesperada, tentada pelo amante, abandona pelo esposo?" assim pode ser resumido o enredo da peça.

Depois da cena inicial a peça retrocede, num grande flash back, para perto do final retornar ao ponto inicial. "Lineu leva as mãos a garganta de Eurídice que se debate". O autor atualizou, alguns dados como por exemplo, o hábito de Margarida assistir televisão que, em 1958, obviamente não existia entre nós. O diálogo expressivo, fluente, não necessariamente coloquial, pois gramaticalmente correto. Muitas vezes os pronomes oblíquos tornam a fala artificial.

Nesta montagem o elenco conta com Jânio Florêncio, Martha Vasconcelos, Mayara Lucena, Kelyenne Maia, Daniele Amaral, Adauto Garcia, Gorete Oliveira, Marcus Augusto. Além da direção, Marcelo Costa também assina o cenário. Os figurinos são de Emilia Maciel, e o cartaz de Audifax Rios e Risa Paiva, com coreografias de Liliana Costa. A iluminação é de Walter Façanha e a

sonoplastia de Carlos Crisóstomo.

Eduardo Campos considerava "Os Deserdados" sua melhor peça. No entender do grupo que está montando "Nós as Testemunhas" é a melhor peça do autor daquela fase.

Em 1958, com "Nós, As Testemunhas", o Teatro Escola participou do I Congresso Nacional de Teatro Amador, realizado em Natal (14 de Outubro 1958), promoção da Sociedade Nacional de Teatro Amador (Sonata). Participou também, em, 20 de Janeiro de 1959, do III Festival Nortista de Teatro Amador, desta vez realizado em Maceió e trouxe para o Ceará os prêmios de Melhor Atriz (Fernanda Quinderé) e Melhor Atriz Coadjuvante (Nadir Saboya). Ainda com esta peça participou do II Festival Nacional de Teatro do Estudante, organizado por Pascoal de Carlos Magno, realizado em Santos (SP), tendo o Teatro Escola apresentado-se a 17 de Julho de 1959.

**André Marinho**